

“DEIXAR QUE DEUS SEJA O CENTRO”

Vigário regional do Opus Dei, monsenhor José Rafael Espírito Santo assinala os 75 anos de presença da prelatura em Portugal, sublinhando a proposta de colocar “o coração todo em Deus, em todos os momentos e gestos do quotidiano”. **pág.06**

Entrevista



lisboa2023_pt

FOLLOW

JOVENS DESAFIADOS A FAZER MISSÃO PELOS AVÓS E IDOSOS

A organização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 convidou “cada jovem” a “fazer missão onde quer que esteja”, por ocasião do I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, convocado pelo Papa Francisco. Este “grande movimento nacional” pretende “juntar os jovens aos mais idosos”, no fim-de-semana de 24 e 25 de julho. “O Dia Mundial dos Avós e dos Idosos foi instituído pelo Papa para que não nos esqueçamos dos avós e de preservar as nossas raízes. Este Dia vai-se assinalar anualmente no quarto Domingo de julho, próximo da festa dos Santos Joaquim e Ana, os avós de Jesus. As datas escolhidas para este desafio ‘Faz Missão’ marcam precisamente o primeiro Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, que será celebrado a 25 de julho de 2021. O convite é, onde quer que estejamos, olhar e cuidar dos avós e dos mais velhos, seguindo precisamente o apelo do Papa Francisco do encontro de gerações”, desafia o COL (Comité Organizador Local) da JMJ Lisboa 2023. Para “dar visibilidade” a esta iniciativa, é pedido a cada jovem que vista a t-shirt da JMJ. “Concretiza o desafio do Papa Francisco e faz-te próximo dos mais velhos. Telefona aos teus avós, conversa à janela com um vizinho mais velho que se encontre sozinho, vai às compras por um idoso que não tenha a família por perto, colabora com o centro de dia da tua paróquia. As possibilidades são inúmeras: convidamos-te a que, olhando para a realidade em que vives, faças a diferença”, exemplifica a nota, convidando os jovens a partilhar o momento, através de uma fotografia ou vídeo, nas redes sociais, utilizando os hashtags #Lisboa2023 e #Iamwithyoualways.

Informações: www.lisboa2023.org/pt



UMA OBRA QUE “INTEGRA NO LOUVOR DIVINO”

Nos 40 anos da morte do padre Manuel Luís, o Cardeal-Patriarca de Lisboa recordou a “obra magnífica” do sacerdote de Turquel, “nome cimeiro da geração de grandes compositores de música sacra”, que aliou, “de modo ímpar”, a “grande beleza e a grande sabedoria” com “uma enorme simplicidade da frase musical, que não nos distrai”, mas “integra no louvor divino”. **pág.02**

Destaque

“Fomentar a ação pastoral em todas as prisões”

O coordenador nacional da Pastoral Penitenciária deseja constituir, até 2023, equipas de voluntários em cada uma das dioceses, para “fomentar a ação pastoral em todos os estabelecimentos prisionais” do país. No XVI Encontro Nacional de Colaboradores e Voluntários Prisionais, que decorreu em formato online, a 10 de julho, o padre José Luís Costa desejou o envolvimento, no apoio aos reclusos, não apenas dos capelães, mas de toda a comunidade cristã, e alertou para a necessidade de a preocupação ser estendida às famílias dos reclusos, tendo em conta “os desafios de ordem social” que vivem. Já D. Joaquim Mendes, membro da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, convidou à criação de “grupos de reflexão de reclusos cristãos” nas cadeias. Sendo os estabelecimentos prisionais “uma periferia”, o prelado apelou ainda à ação junto das comunidades locais, para serem mais próximas dos reclusos. Sónia Rosendo, da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, sublinhou o papel do voluntário na “reabilitação” da pessoa reclusa, em especial “no regresso à vida em sociedade”, e apontou ao lançamento do Programa de Gestão do Voluntariado em Meio Prisional, em parceria com a cooperativa de solidariedade ‘Aproximar’.

Os 50 anos de escutismo em Óbidos **pág.05**

Os avós como exemplos de fé **pág.08**

Papa teve alta hospitalar, após visitar crianças da Oncologia **pág.09**

Os 40 anos da morte do padre Manuel Luís, músico e compositor litúrgico

“NOME CIMEIRO DE UMA LITURGIA QUE SE REENCONTROU”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa recordou a “obra bela e carismática” do padre Manuel Luís. Nos 40 anos da morte do músico e compositor natural de Turquel, o Jornal VOZ DA VERDADE ouviu o pároco, um antigo aluno hoje padre, um sacerdote especialista em música sacra e um maestro, sobre o “grande impulsionador da música litúrgica” em Portugal após o Concílio Vaticano II.

texto por Diogo Paiva Brandão; fotos por paróquia de Turquel e arquivo



“Caríssimos turquelenses: o vosso, o nosso, padre Manuel Luís foi absolutamente carismático e desenvolveu, como poucos, os talentos – no caso, musicais – que Deus lhe deu. Quem é que, nas igrejas em Portugal, não canta melodias do padre Manuel Luís? Que bom é verificar e celebrar esta obra de Deus que se realizou também através deste homem, deste sacerdote, deste magnífico compositor que eu ainda tive o gosto de conhecer”. Foi desta forma que o Cardeal-Patriarca de Lisboa lembrou o padre Manuel Luís, na celebração que assinalou os 40 anos da morte do compositor litúrgico.

Na “bonita igreja de Turquel”, na manhã de 11 de julho, D. Manuel Clemente lembrou o “ilustre turquelense” como “um grande sacerdote e um grande compositor de música litúrgica e não só”, e uma “pessoa tão integrada no que foi a reforma litúrgica” em Portugal. “A geração do padre Manuel Luís – e nós fomos herdeiros dela – foi descobrindo que a Igreja podia desempenhar-se melhor, conhecer-se ainda mais, numa celebração que, de alguma maneira, mantivesse a simplicidade dos gestos de Jesus Cristo, sem os atrapalhar, falando na língua materna”, apontou. “Ele pertence e é um nome cimeiro dessa geração de homens, grandes compositores de música sacra, que, em todo o nosso país, nos ofereceram estas melodias de uma liturgia que se reencontrou com a simplicidade e com a verdade das origens cristãs, e sobretudo com o sentido da assembleia”, acrescentou.

Na homília, o Cardeal-Patriarca sublinhou que o padre Manuel Luís se distinguiu, “na sua vida, pela adesão a Jesus Cristo” e pela forma “como O repercutiu no mundo”, e lembrou o tempo de seminário, onde conheceu o compositor. “Havia composições acabadinhas de compor, que nos chegavam para ensaiarmos e irmos à Sé ou aos Jerónimos cantá-las, e que ainda nem impressas estavam. E com que alvoroço nós fazíamos isso, porque

nos redescobríamos naquelas magníficas composições do padre Manuel Luís”, recordou.

D. Manuel Clemente destacou ainda o livro ‘Cânticos da Assembleia Cristã’, da autoria do compositor turquelense. “É uma obra magnífica, da qual todos nós somos devedores, tanto mais que ele conseguiu aliar, de modo ímpar, a grande beleza e a grande sabedoria – que ele tinha aprendido em Roma –, com uma enorme simplicidade da frase musical, que não nos distrai, mas nos integra nesse louvor divino. O padre Manuel Luís conseguiu fazer isso como ninguém”, terminou.

Turquel, “terra de músicos”

Pároco de Turquel desde 2013, o padre Ivo Santos lembra, ao Jornal VOZ DA

VERDADE, que o padre Manuel Luís “foi muito querido” nesta comunidade. “Esta comemoração foi um reconhecimento da sua pessoa e do trabalho desenvolvido na renovação da música litúrgica a nível nacional e internacional”, assinala o sacerdote. Após a Missa, presidida pelo Cardeal-Patriarca, decorreu a colocação de flores na campa do sacerdote turquelense. “A comunidade procurou preparar bem estes momentos. Os preparativos começaram em dezembro passado, e a preparação maior foi do grupo coral, pois os cânticos foram cantados em polifonia”, conta o padre Ivo, de 36 anos, sublinhando que esta data “tem sido também ocasião para os mais novos conhecerem esta grande figura”. “Para assinalar este ano, serão realizadas mais iniciativas: uma

exposição e um concerto”, anuncia.

O pároco refere ainda que “Turquel é uma terra de músicos”, e que a comunidade procura sempre cantar as obras do filho da terra. “O padre Manuel Luís é também fruto desta tradição que recebeu e que desenvolveu com os estudos de música sacra. Ele continua a ser uma inspiração para uma liturgia viva e que fomenta a participação da assembleia cristã. Temos uma especial atenção para que muitos dos cânticos sejam da sua autoria. Neste encargo, temos o maestro José António Luís, que tem composto algumas harmonizações a partir dos cânticos do padre Manuel Luís”, destaca o padre Ivo Santos.

Melodias simples e profundas

Também compositor, o padre Teodoro Sousa é um antigo aluno do padre Manuel Luís, no tempo de seminário. “O estilo do padre Manuel Luís era dele, em primeiro lugar, embora bebesse do ambiente musical da época, sobretudo no que se refere às harmonizações. As suas melodias são simples, sem serem banais; são profundas, sem serem académicas. As suas harmonizações são, muitas vezes, inesperadas e subtis, mais contrapontísticas do que corais. Compor cânticos que ajudem as pessoas a rezar, que sejam simples, mas não banais, é o principal legado que o padre Manuel Luís me deixou. Bem-haja, mestre”. É em tom agradecido que o padre Teodoro recorda, ao Jornal VOZ DA VERDADE, o seu antigo professor. “O padre Manuel Luís foi meu professor de música no Seminário dos Olivais, entre 1966 e 1968. Era ele que nos ensaiava os cânticos para a liturgia, geralmente a três vozes iguais. E não só nos indicava as notas, mas tecia considerações sobre o modo de cantar e as características dos cânticos que compunha e nos ensaiava”, partilha o sacerdote, atual pároco da Malveira e Venda do Pinheiro, recordando-se ainda que o padre Ma-



manuel Luís “vivia intensamente a liturgia”. “Era pessoa de profunda espiritualidade. Lembro-me de ele dizer que, quando tinha de compor um cântico, ia rezar para a capela do seminário, para que fosse Deus a compor e não ele. Vi-o algumas vezes em oração. Este é o verdadeiro espírito do compositor litúrgico”, assegura. Do tempo de seminário, ficam também as recordações dos ensaios. “Também nos ensaiava cânticos em polifonia, a três vozes mistas, que cantávamos na liturgia da Sé, então presidida pelo Cardeal Cerejeira. Era muito rigoroso nos ensaios, quanto à afinação e à dinâmica da música”, conta. Diretor da Escola Diocesana de Música Sacra do Patriarcado de Lisboa, o padre Teodoro Sousa explica ainda por que o padre Manuel Luís é considerado uma das figuras portuguesas mais ilustres na área da música litúrgica, em particular na segunda metade do século XX. “Estávamos no imediato pós Concílio Vaticano II. Era necessário musicar os textos do Missal Romano, da Liturgia das Horas e do Lecionário, sobretudo os salmos responsoriais. O padre Manuel Luís levou a peito esta tarefa, com rapidez e mestria. É sobretudo notável o conjunto dos salmos responsoriais para os três ciclos. Quanto a estes, a preocupação era construir melodias simples, que toda a assembleia pudesse cantar, como é próprio do salmo intercalar. Muitos deles baseiam-se nos modos gregorianos (Protus, Deuterus, Tritus e Tetrardus), o que pode levantar algumas dificuldades aos organistas menos habituados ao sistema modal”, frisa, sublinhando que a “pressa em relação ao salmo responsorial” aconteceu por ter sido “uma das novidades conciliares”. O padre Teodoro foi ordenado em 1978, três anos antes da morte do padre Manuel Luís, e sublinha ainda que “há um acervo menos conhecido, mas muito importante”, que é “a harmonização de cânticos religiosos populares”. “Cantávamo-los nas festas do seminário. Penso que este notável conjunto de peças não está publicado”, salienta o padre compositor, de 72 anos, que teve o padre Manuel Luís como mestre.

Diálogo passado-presente

O padre Diamantino Faustino é o sub-diretor da Escola Diocesana de Música Sacra do Patriarcado de Lisboa e considera, ao Jornal VOZ DA VERDADE, que um dos aspetos mais interessantes da obra do padre Manuel Luís “é o modo como ele conjuga o passado e o presente”. “As suas criações enraízam-se claramente na grande tradição das melodias sacras, ao mesmo tempo que são relevantes para a expressão atual da fé. Este diálogo, en-

tre a história da música sacra e a vida das comunidades paroquiais, poderia muito bem ser uma referência para quem se dedica a criar música para a liturgia”, assinala o sacerdote.

Autor da música do hino do Sínodo Diocesano 2016, o padre Diamantino sublinha que a afirmação ‘o padre Manuel Luís é o compositor mais interpretado em Portugal’ pode “parecer exagerada”, mas não é. “Se pensarmos que, semanalmente, na esmagadora maioria das Missas dominicais de Portugal se canta o salmo responsorial, com melodia do padre Manuel Luís, podemos ver o quanto é verdadeira esta afirmação. Este facto bastará para nos mostrar a impor-

re-se à melodia do padre Manuel Luís”, conta o padre Diamantino Faustino.

“Grande impulsionador”

Entre as interpretações do Coro da Catedral de Lisboa estão composições do padre Manuel Luís, segundo refere, ao Jornal VOZ DA VERDADE, o maestro Luís Filipe Fernandes. “Que me venham à memória, cantamos: ‘Deus amou de tal modo o mundo’; ‘Eu sou o caminho’; ‘Exultemos de alegria’; ‘Foram tirados do meio dos homens’; ‘Jesus, nossa redenção’; ‘Luz terna suave’; ‘Maranatha! Vinde, Senhor Jesus’; ‘O amor de Deus repousa em mim’; ‘Oh! Noite favorecida’; ‘Pai nosso que estais no Céu’; ‘Toda

“qualidades de santidade” e “perfeição de forma”. “No livro ‘Cânticos da Assembleia Cristã’ – que reúne composições de sua autoria com cânticos para a Eucaristia, para os diversos tempos litúrgicos – diz-se, na contracapa, que o padre Manuel Luís ‘foi o grande impulsionador da música litúrgica em português, aquando da abertura da liturgia às liturgias modernas, com o Concílio Vaticano II’. Podemos depreender que o padre Manuel Luís foi o iniciador de um caminho que outros compositores seguiram e continuam atualmente a seguir, no sentido da importância dos cânticos, da música, dos textos, da qualidade musical, tendo em vista a ‘qua-



PERFIL

O padre Manuel Luís nasceu a 8 de julho de 1926, em Turquel, Alcobça. Frequentou os Seminários de Santarém, Almada e Olivais e foi ordenado presbítero em 29 de junho de 1951. Frequentou durante sete anos o Instituto Pontifício de Música Sacra de Roma, onde foi diplomado em Canto Gregoriano e Composição de Musica Sacra. Regressado a Portugal, deu aulas no Seminário dos Olivais e dirigiu o coro polifónico, que tinha também o serviço litúrgico e musical da Sé Patriarcal. Foi ainda pároco da Sé de Lisboa de 1969 a 1975, ano em que assumiu a paróquia das Mercês, na cidade de Lisboa, onde veio a falecer, no Hospital de Jesus, contíguo à igreja, a 5 de julho de 1981, a poucos dias de completar 55 anos.

tância da sua obra”, observa o pároco de Linda-a-Velha. Este especialista em música sacra, de 48 anos, refere que a importância da música na liturgia “está definida muito claramente nos documentos do magistério, como um elemento essencial da celebração litúrgica”, e reforça o papel do compositor de Turquel nos salmos. “Após o Concílio Vaticano II era necessário apresentar melodias para os textos em língua portuguesa. Ora, as melodias, criadas pelo padre Manuel Luís para os salmos responsoriais, foram de tal maneira bem recebidas nas comunidades paroquiais que ainda hoje quando alguém pergunta ‘conheces o salmo deste Domingo?’, nem precisa de dizer qual o compositor, porque implicitamente refe-

a nossa glória’... Estes cânticos, originalmente, foram escritos somente a uma voz ou para vozes iguais. O Coro da Catedral de Lisboa é um coro misto, com homens e senhoras que têm tessituras mais agudas e mais graves. Assim, nestes cânticos, cantamos a versão para vozes mistas (sopranos, contraltos, tenores e baixos) com a roupagem harmónica que o padre António Cartageno escreveu para estas composições do padre Manuel Luís”, explica.

Questionado sobre a importância do padre Manuel Luís na liturgia de hoje, Luís Filipe refere que o compositor de Turquel, “movido pelo espírito de renovação do Concílio Vaticano II”, começou a compor trechos que possuísem

‘qualidade de santidade’ e da ‘perfeição de forma’”, observa.

Luís Filipe refere que não conheceu pessoalmente o padre Manuel Luís, tendo-o “visto num Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, em setembro de 1980, meses antes de falecer”. “Recordo-me, uma vez, que o antigo pároco da Sé, o cônego Luís Manuel, referiu, numa Eucaristia que antecedia a procissão da Solenidade de Santo António, que o cântico de entrada que estávamos a cantar, ‘Os povos proclamam’, tinha sido o último cântico a ser composto pelo padre Manuel Luís antes da sua partida para a liturgia celeste”, conta o diretor musical do Coro da Catedral de Lisboa.



Guilherme d'Oliveira Martins

Começou a ensinar-lhes muitas coisas...



Jesus disse aos Apóstolos: «Vinde sozinhos para um lugar deserto e descansai um pouco». Havia, de facto, tanta gente a chegar e a partir que não tinham tempo nem para comer. Então foram sozinhos, de barco, para um lugar deserto e afastado. Muitos viram-nos partir e reconheceram que eram eles. Saindo de todas as cidades, correram a pé, e chegaram lá antes deles. Ao desembarcar, Jesus viu uma numerosa multidão e teve compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, pois, a ensinar-lhes muitas coisas» (Mc., 6, 30-34). Esta disponibilidade de espírito é um exemplo prático que não devemos esquecer. Trata-se do contrário da indiferença e é uma lição de espírito e cidadania. Neste estranho tempo em que a pandemia nos deixa sinais contraditórios, devemos compreender que a atenção e o cuidado são marcas que não devemos esquecer.

Num recente inquérito à opinião pública, as pessoas consideram que as medidas contra a Covid-19 foram positivas, mas queixam-se que a democracia se viu limitada. É um julgamento natural. Importa, porém, compreender que fomos surpreendidos por uma enfermidade que continuamos a desconhecer. A emergência de novas estirpes diz-nos que

todo o cuidado é pouco e que desconhecemos em absoluto como e quando nos vamos libertar da peste. Precisamos, contudo, de atenção e espírito de prevenção. É por isso que se diz que a liberdade está limitada. Mas, não se esqueça, que a liberdade e a autonomia, inerentes à dignidade humana, devem ser protegidas como valores frágeis que são. Se devemos impedir os abusos de poder, temos de perceber que o estado de necessidade obriga a uma autolimitação da autonomia individual. Etimologicamente a palavra latina “libertas” relaciona-se com “libra”, ou seja, com a “balança”, cujos pratos têm de estar equilibrados – considerando a relação entre nós e os outros. A liberdade pressupõe a compreensão do lugar do outro e da nossa responsabilidade. Eis por que somos levados a limitar os nossos movimentos, fazendo-o como ato de inteligência e não por imposição de um tirano. No fundo, protegendo-nos, rompemos a cadeia de transmissão de um vírus que é mortal, assegurando que os mais vulneráveis não sejam atingidos e condenados.

Eis por que razão a Igreja católica cumpriu escrupulosamente as regras preventivas, em nome do primado do amor ao próximo. E em que ponto estamos? A vacinação tem

de prosseguir com eficácia e celeridade. A testagem sistemática tem de ser feita, para evitar que os assintomáticos transmitam a doença aos vulneráveis. E as máscaras têm de continuar a ser usadas devidamente, ainda que incómodas. Para salvar vidas e reduzir a pressão sobre os hospitais tudo vale a pena. O “estado de necessidade” é uma forma de proceder excepcionalmente perante uma situação especial. Eis por que razão devemos estar de sobreaviso perante o egoísmo dos que preferem o bem-estar ao respeito dos outros. Que é a responsabilidade senão termos resposta para quem precisa de nós? A dignidade da pessoa humana não pode confundir-se com falta de constrangimentos. A diferença entre despotismo e liberdade está na capacidade de aceitarmos a imperfeição, sem renunciar a prosseguir a possibilidade de amanhã sermos melhores do que hoje. Edgar Morin, o grande pensador, que completou há dias cem anos de idade, com uma extraordinária vitalidade, repetiu num texto publicado no próprio dia de anos que não podemos continuar a aspirar a ter mais e mais, devendo empenhar-nos em ser melhores. Em vez do crescimento e do consumismo, precisamos de desenvolvimento humano. As austeridades passageiras têm de dar lugar à sobriedade permanente. Esta pandemia deu o alarme relativamente a uma ameaça à humanidade, outras ameaças virão, mais graves e ameaçadoras, a começar no risco da destruição da natureza e no aquecimen-

to global. Este descontrolo de um vírus tem a ver com o desencontro da humanidade com a natureza, como o Papa Francisco assinalou na Encíclica “Laudato Si’”. Há dias, a comunidade de monges beneditinos de Camaldoli, fundada há mil anos por S. Romualdo, o Cardeal José Tolentino Mendonça inaugurou a nova biblioteca com o fundo contemporâneo, instalada na paz da floresta, segundo as duas dimensões da experiência monástica, a solidão e a comunhão. A comunidade «vive na busca de Deus, na oração e no trabalho, e abre-se à partilha com os homens e as mulheres (...) sobretudo através da hospitalidade». “Ora, labora et lege”, eis o apelo de S. Bento. Porque o recordamos aqui? Já que somos chamados a refletir seriamente contra a indiferença e pelo compromisso que Cristo assumiu plenamente ao não deixar desamparadas aquelas ovelhas sem pastor...



P. Gonçalo Portocarrero de Almada

Gostar, amar, adorar



Gostar, amar e adorar: estes três verbos enunciam, por assim dizer, a gramática dos afectos. São diversas intensidades do querer humano, o único que, por ser inteligente, descobre a diferença essencial entre as coisas, os animais, os seres humanos e Deus. Nestes tempos pós-modernos, estes três verbos tornaram-se quase sinónimos, como se o relativismo tivesse esbatido as diferenças essenciais entre o Criador e as criaturas, bem como entre os animais racionais e irracionais. Com efeito, elevam-se os seres irracionais à dignidade de titulares de direitos e degradam-se os seres humanos à condição de predadores da natureza. Enquanto os animais são criaturas inocentes, os homens são tidos por responsáveis dos grandes desastres naturais e, por isso, não são poucos os que defendem políticas restritivas da liberdade humana, em defesa da natureza e do equilíbrio ecológico.

Uma manifestação generalizada do animalismo triunfante é a humanização dos animais domésticos. Em tempos passados, ninguém se atrevia a dar um nome huma-

no a um animal: recordo a indignação que causou, há já alguns anos, um cavaleiro estrangeiro que deu ao seu cavalo o glorioso nome do descobridor do caminho marítimo para a Índia: Vasco da Gama! Até o famoso cão do Tintin, que na banda desenhada original se chamava Milou, teve de ser denominado de outra forma em Portugal, por ser esse o diminutivo familiar de muitas Marias de Lourdes.

Actualmente, raro é o animal doméstico que não tenha um nome humano. Na publicidade comercial, a representação familiar já inclui os animais de estimação: a família não é apenas o casal, com os seus filhos, mas também o cão e o gato – que já não se chamam Tejo, ou Miau, mas Óscar, ou Leovigildo.

Perguntaram uma vez, a uma defensora dos alegados direitos dos animais: tendo em casa o filho e o cão, se se declarasse um incêndio e só pudesse salvar um deles, qual escolheria? Respondeu: o que estivesse mais perto! E, na abertura de um telejornal, numa cidade dos Estados Unidos em que nevava, foi dada a notícia de que um mendigo e os seus dois

cães estavam ao relento, apesar da temperatura negativa. No fim da emissão, deu-se a boa notícia de que os animais já tinham sido recolhidos... mas não o sem-abrigo!

A *Laudato si'* ensina que o mundo será mais humano se os homens aprenderem a respeitar a natureza, até porque a humanidade é parte da criação. Todas as coisas foram criadas por Deus e entregues ao homem, para que cuidasse da criação, como património que é de toda a humanidade, também das gerações futuras. Neste sentido, o ser humano, sem esquecer a sua singular dignidade, deve exercer o domínio do planeta tendo em conta que não é o seu proprietário, mas apenas um administrador provisório de um património natural sobre o qual pesa uma grave hipoteca social. Da mesma forma como a Doutrina Social da Igreja entende a propriedade privada, como um direito natural que deve ser exercido em ordem ao bem comum, também a ecologia representa, em termos morais, uma exigência de justiça e de caridade, no que respeita ao uso da natureza.

Respeitar a natureza sim, com certeza, mas sem a idolatrizar. As coisas, também as plantas e os animais, têm uma dignidade que deve ser reconhecida, mas não divinizada. Amar os animais e plantas é, afinal,

uma versão moderna de uma antiga idolatria: a adoração do bezerro de ouro. As coisas, plantas e animais podem e devem ser devidamente apreciados, mas o amor é uma relação afectiva interpessoal que, portanto, não se pode estabelecer com nenhuma coisa, nem ser animado, por mais estima que se possa ter por um bem valioso, ou por um animal de companhia. É bom fomentar o gosto pelas coisas boas, mas o amor é, exclusivamente, uma relação interpessoal, porque só os humanos, porque criados à imagem e semelhança de Deus, podem amar e ser amados.

Gostar das coisas, das plantas e dos animais; amar o próximo e adorar a Deus. Que bom seria que, em todas as famílias cristãs, se aprendesse a conjugar os três verbos que definem a verdadeira ecologia.





Paróquia de Campelos em festa

Centro Social e Paroquial de Santo António de Campelos celebrou o 30.º aniversário, na manhã do passado dia 10 de julho, numa Eucaristia campal presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente



Dia 24 de julho

‘Visitas com Música’, no Mosteiro

O Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa, organiza, no próximo dia 24 de julho, sábado, a iniciativa ‘Visitas com Música’, que tem início às 15h00, junto à bilheteira. “O programa desta visita especial cruza a beleza do Mosteiro com o encanto musical da Capella de São Vicente, sendo que alguns dos espaços do Mosteiro serão apresentados ao som de obras musicais contemporâneas desses mesmos locais”, destaca uma nota. A participação nesta iniciativa requer marcação prévia e tem um custo de 7 euros para adultos, 4,5 euros para estudantes e seniores, sendo grátis para menores de 12 anos. ‘Visitas com Música’ vai ser repetida de três em três meses, sempre no terceiro sábado de cada mês, até ao final do ano. Informações e inscrições: 218810559 e <https://mosteirosdesaovicentedefora.com>



Comunidade Vida e Paz Identidade visual renovada

As ‘Mãos’, a ‘Pomba da Paz’, as ‘cores Azul e Verde’, o ‘Formato Redondo’ e as ‘Reti-cências’ são os elementos principais da nova identidade visual da Comunidade Vida e Paz. “Sem nunca esquecer o passado e reafirmando a essência da missão e dos valores próprios da Comunidade Vida e Paz, acreditamos que este novo logótipo representa melhor aquilo que nos fundamenta. Dando continuidade à nossa Identidade de sempre, ele constitui um novo olhar, como que uma nova assinatura graficamente mais adequada, que se exprime nas mãos que estendemos a quem precisa e que nos permite criar o ponto de partida para um novo sentido de vida”, explica, em comunicado, a instituição tutelada pelo Patriarcado de Lisboa, de apoio às pessoas em condição de sem-abrigo ou em situação de vulnerabilidade social.

Os 50 anos dos escuteiros em Óbidos

Escutismo católico põe “a render” a “qualidade de cada jovem”

O Cardeal-Patriarca de Lisboa destacou a importância do escutismo católico. D. Manuel Clemente presidiu à celebração dos 50 anos dos escuteiros em Óbidos.



“A grande vantagem que o escutismo tem oferecido à sociedade e ao mundo inteiro, e também à Igreja, quando se trata de escutismo católico, é descobrir aquilo que é a qualidade de cada jovem e isso posto a render”, manifestou o Cardeal-Patriarca, na celebração que presidiu, na tarde do passado Domingo, 11 de julho. No adro da Igreja de Santa Maria, em Óbidos – o mesmo local onde, há 50 anos, foi celebrada a fundação do escutismo nesta terra –, D. Manuel Clemente sublinhou também a importância nos escuteiros na sua vida. “No escutismo, encontrei tanta gente que foi, para mim, sinal de Jesus Cristo”, garantiu o Cardeal-Patriarca, que, no final, foi presenteado com a oferta de uma tijoleira do cinquentenário.

Na celebração, que contou com a presença do chefe nacional do Corpo Nacional de Escutas (CNE), Ivo Faria, e do chefe regional de Lisboa do CNE, João Esteves,

um dos fundadores do escutismo em Óbidos, José Machado, que ainda se mantém no ativo, recebeu um louvor do Núcleo do Oeste. Foi também entregue um diploma a vários antigos ‘escutas’ que tinham feito a promessa de escuteiro há 50 anos. Foi ainda pedido aos antigos escuteiros para cederem fotos e documentação para ser enriquecido o arquivo histórico do escutismo em Óbidos, de modo a ser organizada uma exposição, no Santuário do Senhor da Pedra. fotos por Agrupamento 753 Óbidos

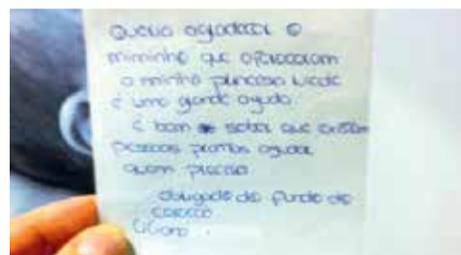


PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Cabo Delgado

Presidente da República disponível para colaborar

O Presidente da República revelou estar a acompanhar “com particular atenção” a situação em Cabo Delgado, Moçambique, pediu mais apoio e manifestou “total disponibilidade” para colaborar. Marcelo Rebelo de Sousa recebeu, em audiência, a 8 de julho, o ‘Movimento por Cabo Delgado’. “O Presidente da República mostrou-se sensível às questões apresentadas e reconheceu a importância do trabalho que tem vindo a ser realizado pelas várias organizações que compõem o ‘Movimento por Cabo Delgado’, tendo reconhecido que o apoio prometido até agora pelas instituições europeias é insuficiente para a dimensão do problema na região”, salienta um comunicado.



Movimento de Schoenstatt ‘Chá e Companhia com Maria’

“Avós que se encontram para rezar, partilhar, fortalecer a amizade e fazer o bem!”. É este o objetivo do projeto ‘Chá e Companhia com Maria’, do Movimento Apostólico de Schoenstatt na Diocese de Lisboa, que procura assim responder “ao desafio que o Papa Francisco lançou ao mundo – a celebração do Dia Internacional dos Avós e Idosos”, explica um comunicado. Este grupo apoia “qualquer paróquia” que queira implementar o projeto. De referir que o grupo ‘Chá e Companhia com Maria’ se reúne às terças-feiras, de 15 em 15 dias, das 15h30 às 17h30, no Santuário de Schoenstatt, no Restelo, e é aberto a quem quiser juntar-se. Informações: info@familiasdeschoenstatt.org

Ciclo da Graça decorre até maio de 2022

Convento da Graça recebe ciclo dedicado às artes e à cultura

Foi inaugurado esta semana o Ciclo da Graça, um conjunto de exposições e atividades que tem como objetivo “dinamizar, envolver e despertar para novas formas de pensar a cultura e a arte”.



Apresentada pela associação cultural ‘Pousio - Arte e Cultura’, esta iniciativa decorre no Convento da Graça, em Lisboa, e prolonga-se até maio de 2022. “Queremos ser um espaço de valorização da arte e dos artistas. Acreditamos na arte como promotora do desenvolvimento do pensamento humanístico e vemos o Ciclo da Graça como um forte impulsionador da renovação da programação cultural e social”, afirma a coordenadora do Ciclo da Graça, Francisca Gigante, numa nota de imprensa. Já a diretora da ‘Pousio - Arte e Cultura’, Mafalda d’Oliveira Martins, salienta ser “essencial fomentar a participação ativa local”, pelo que a associação se comprometeu “a apoiar a comunidade da Graça com a entrega de donativos para a

reabilitação da Igreja do Convento”. O Ciclo da Graça vai ter atividades como música, teatro ao ar livre, ateliers de artistas e ‘think-tanks’ com pensadores e agentes culturais. Inclui ainda a publicação de projetos de investigação centrados na história e arquitetura do Convento da Graça, bem como dos artistas e agentes culturais envolvidos. Informações: <https://pousioartecultura.pt>

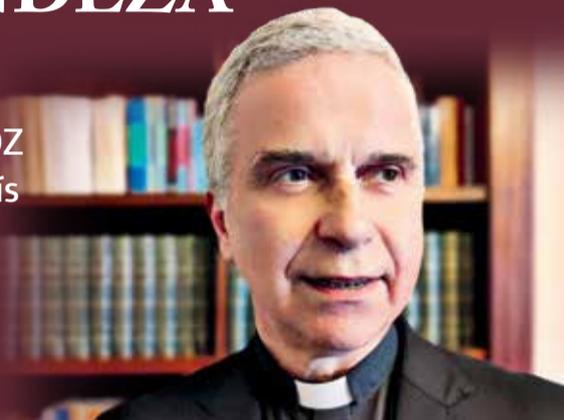


Monsenhor José Rafael Espírito Santo, vigário regional da prelatura do Opus Dei

“É PRECISO OFERECER AOS LEIGOS RAZÕES E AJUDAS PARA DESCOBRIR A GRANDEZA DA VIDA AOS OLHOS DE DEUS”

O Opus Dei assinala os 75 anos de presença em Portugal e, em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, o vigário regional da prelatura fala da missão desenvolvida no nosso país e sublinha o “grande afeto e simpatia” que vai sentindo na Igreja em Portugal. Para o futuro, monsenhor José Rafael Espírito Santo destaca que os desafios passam por “ampliar e aprofundar a formação da juventude” e “reforçar a formação das famílias”.

entrevista por Filipe Teixeira; fotos por Opus Dei



Na comemoração dos 75 anos do Opus Dei em Portugal, o Cardeal-Patriarca de Lisboa destacava o reconhecimento dado ao papel dos leigos e o “apoio ao ministério sacerdotal”. Como é que estas características têm estado presentes ao longo destes 75 anos?

Hoje, muito mais do que há 75 anos, fala-se da importância do papel do leigo, do cristão comum, na vida da Igreja. E não só nas tarefas que, sendo homem ou mulher, pode assumir no funcionamento da Igreja. Fundamentalmente da relevância eclesial que tem a sua vida tal qual é, com compromissos e confusões, despesas e empréstimos, trabalho cansativo ou gratificante, amores e desamores. Por isso, é preciso oferecer aos leigos razões e ajudas para descobrir a grandeza que essa vida tem aos olhos de um Deus que é ternura. À medida que – num processo formativo que leve a conhecer melhor a fé e a vivê-la pouco a pouco de forma mais intensa – virem a sua vida, aparentemente comezinha, como um projeto correspondente a um chamamento de Deus, que a todo o momento nos ajuda, desafia, consola e ama, o seu coração vai-se abrindo cada vez mais, deixando que Deus seja o centro. E assim constroem a Igreja, são pedras vivas do templo do Senhor. Isso é santidade: santidade ao pé da porta. Que acontece precisamente aí: em casa, no trabalho, na reunião de condóminos, na fila para a vacina, ao contar os tostões ao fim do mês.

Para os sacerdotes, o Opus Dei tem a mesma proposta formativa: santidade no exercício do seu ministério, bem unidos aos seus irmãos no sacerdócio. Seja padre diocesano ao serviço exclusivo da sua diocese, seja padre da prelatura ao serviço preferencial das tarefas pastorais da prelatura.

É assim há 75 anos em Portugal: ajudar cristãos comuns e sacerdotes diocesanos,

através de um caminho formativo aberto a todos e subsidiário à ação das dioceses e paróquias, a recordar que Deus ama de tal modo o mundo e cada um dos seus filhos, que os chama a, no lugar que têm na sociedade e na Igreja, cultivar este mundo, amando-o também apaixonadamente, com o coração todo em Deus, em todos os momentos e gestos do quotidiano.

Neste tempo em que se assinalam os 75 anos de presença em Portugal, que balanço faz das iniciativas realizadas e o que mais destaca?

Alegra-me de forma muito especial sentir grande afeto e simpatia dentro da nos-

sa grande família que é a Igreja. Estou muito grato pela expressão de estima e alento nas mensagens do presidente da Conferência Episcopal, D. José Ornelas, do senhor Patriarca, D. Manuel Clemente, do Cardeal D. António Marto, do Cardeal D. Tolentino. Essas gravações, que vão aparecendo no nosso site [www.opusdei.pt], são amostra e sinal desse “caminhar juntos”. Gostava assim que os pastores da Igreja sentissem a simpatia e unidade que existe da parte de todos os que participam na ação pastoral do Opus Dei. Há anos o prelado do Opus Dei recordou: “fazer crescer o apreço mútuo entre os fiéis da Igreja, e entre os mais varia-

dos agrupamentos que possam existir, faz parte da nossa missão na grande família dos filhos e filhas de Deus”.

Além dessa experiência de comunhão, que é o principal, destaco também alguns eventos comemorativos. O terço que rezei no Santuário de Fátima transmitido para todo o país no passado dia 5 de fevereiro, dando início a esta celebração. No dia 24 de junho, a “Tertúlia dos 75 anos”, com a intervenção do senhor Patriarca, e com a participação, entre outros, do cónego Francisco Crespo, do padre Paulo Araújo, do frei Tibério, tendo assistido, dentro das limitações da pandemia, centenas de pessoas, entre elas o cónego João Seabra



PERFIL

Monsenhor José Rafael Espírito Santo nasceu em Lisboa, em 1959, sendo o mais novo de três irmãos. Frequentou a catequese na paróquia de São João de Brito e estudou no Liceu Camões. Licenciou-se em Engenharia Civil, na Universidade de Coimbra, onde foi assistente. Fez os estudos de Filosofia, na atual Universidade da Santa Cruz, em Roma, e doutorou-se também em Filosofia, na Universidade de Navarra. Foi ordenado padre em 15 de agosto de 1987, aos 28 anos.

Conheceu o Opus Dei pelos pais e foram o “afeto”, a “jovialidade” e a “intimidade com Deus” que o fascinaram na vida de São Josemaría, fundador do Opus Dei. “A convicção íntima do chamamento de Deus” foi o que o impeliu a entrar para a obra. Depois de alguns anos a colaborar com o anterior vigário regional, padre António Barbosa – falecido este ano –, sucedeu-o em novembro de 2002.

e o padre Miguel Almeida, provincial dos Jesuítas. Uma exposição itinerante sobre os 75 anos a percorrer várias cidades do país. O projeto de assistência e evangelização para assinalar este aniversário com o nome “75 cabazes – 75 famílias”. Se as condições sanitárias permitirem, uma Missa em Fátima, no dia 5 de fevereiro de 2022, encerrará as comemorações.

O fundador do Opus Dei, São Josemaria Escrivá, visitou Portugal, pela primeira vez, em 1945, por insistência da irmã Lúcia, com quem se tinha encontrado num convento em Tuy. De que forma este acontecimento influenciou a entrada da prelatura em Portugal?

Influenciou de um modo decisivo: havia a possibilidade de começar em Itália ou Portugal, e, por outro lado, o fundador chegou a pensar que, evitando eventuais “melindres luso-espanhóis”, fossem franceses a iniciar o Opus Dei em Portugal, o que exigiria esperar a consolidação em França, que só aconteceria passados uns bons anos. Por isso, sem dúvida nenhuma, foi a irmã Lúcia que forçou e adiantou o começo em Portugal.

Uma das finalidades do Opus Dei é a “santificação do trabalho profissional”. Quais são, atualmente, os principais obstáculos a essa santificação?

Há um obstáculo interior ao amadurecimento da própria fé: ainda há muito por fazer relativamente a tirar as consequências do facto impressionante de Deus, como homem, ter trabalhado, sem brilho nem espetáculo, a maior parte da sua vida. Se o cristão é Cristo por efeito do Batismo, então o trabalho de cada um de nós tem potencial para ser um trabalho que participa na obra criadora, redentora e santificadora de Deus.

Há, depois, os obstáculos do tempo atual:



São Josemaria Escrivá fundou o Opus Dei em Madrid, no dia 2 de outubro de 1928

a falta de sentido de serviço, a perda da ideia do trabalho como um meio e não como fim, a falta de sentido sobrenatural, pois um cristão não deveria trabalhar como se Deus não existisse. E há ainda os obstáculos que, sem se infiltrarem na nossa mentalidade como os anteriores, são, porém, circunstâncias duras e relevantes: a precariedade e o desemprego. Em rigor, mais do que obstáculos, são dificuldades pois não impedem a santificação.

Uma das manifestações do Opus Dei em Portugal é a Educação, nomeadamente com escolas, residências universitárias e outras iniciativas. Como analisa o estado da Educação em Portugal? Considera que existe, neste campo, um afastamento cada vez mais acentuado da matriz cristã?

Quando há, em Portugal e no ocidente, um processo lento, mas muito profundo, de secularização e de marginalização

da fé, não é de estranhar que, não só na educação, mas em todos os setores da sociedade, se dilua o que até então era um paradigma de valores comuns, também éticos e religiosos, tendencialmente partilhado por todos de forma pacífica.

O cenário torna-se mais complexo se a isso acrescentarmos, em Portugal, uma tradição centenária que leva a não favorecer que, de forma alargada, os pais, como responsáveis da educação, possam realmente escolher, entre várias, a oferta educativa que mais se aproxima à educação legitimamente querida para os seus filhos. Há, pois, ainda muito caminho a percorrer para ajudar as famílias nas suas responsabilidades, independentemente do seu credo ou visões da vida.

Por vezes, o Opus Dei aparece conotado como uma sociedade secreta ou restrita. Como olha para esta perceção? O que tem sido feito para evidenciar o

Opus Dei como uma instituição diferente desta visão?

Uma imagem não verdadeira nunca faz bem. Gostaria de ver essa ideia superada, mas em grande parte isso não depende de nós. Da nossa parte está o dar informação abundante e frequente e ajudar a gerar a convicção generalizada de que é possível e fácil a todos, sem qualquer requisito prévio, contactar-nos, conhecer-nos e participar na formação católica que é nossa missão oferecer.

Em Portugal, o número de membros pertencentes ou ligados ao Opus Dei é o suficiente para garantir a missão da obra? Que desafios aponta para o Opus Dei em Portugal para os próximos anos, em particular na atenção às famílias?

Jesus disse que “a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos”. Sempre sere-mos poucos para levar a cabo a missão da Igreja e, em consequência, a parte da missão da Igreja que corresponde ao Opus Dei. Neste momento, há 1.600 pessoas do Opus Dei, e são mais as que, não sendo do Opus Dei, participam em retiros, recolções, aulas e encontros de aprofundamento na fé, acompanhamento espiritual pessoal. O fundador tinha o sonho de que em cada aldeia houvesse pelo menos uma pessoa com esta vocação...

Os desafios dos próximos anos são ampliar e aprofundar a formação da juventude e reforçar a formação das famílias na linha do que o Papa propõe para o Encontro Mundial das Famílias, a encerrar o Ano da família “Amoris Laetitia”: o amor na família, vocação e caminho da santidade.

Como pano de fundo, estará a proposta que o Papa fez ao prelado do Opus Dei, monsenhor Fernando Ocáriz, em 2017: dar prioridade às “periferias” das classes médias e do mundo profissional e intelectual que se encontram afastadas de Deus.



Em 2018, foram assinalados os 90 anos do Opus Dei, com celebrações no Santuário de Fátima e na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa

75 ANOS EM PORTUGAL A CONTRIBUIR PARA A “MISSÃO EVANGELIZADORA” DA IGREJA

O Opus Dei está a assinalar os 75 anos de presença em Portugal. Fundado em 1928, em Madrid, por São Josemaria Escrivá de Balaguer (1902-1975), esta prelatura pessoal chegou a Portugal, em 1946, à cidade de Coimbra, para contribuir “para a missão evangelizadora da Igreja, promovendo entre todos os cristãos, nas suas circunstâncias habituais, uma vida coerente com a fé, especialmente através da santificação do trabalho profissional”, refere o site da prelatura.

Atualmente, em Portugal, o Opus Dei conta com 1.625 pessoas, sendo 1027 mulheres e 543 homens. Tem também 33 sacerdotes da prelatura e 56 presbíteros incardinados nas suas dioceses e pertencentes à Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz – ligada à prelatura. Cerca de 70% dos fiéis do Opus Dei são “membros supranumerários”, ou seja, homens e mulheres casados, “para quem a santificação dos deveres familiares faz parte primordial da sua vocação”. Para além da presença da prelatura através da promoção de “iniciativas educativas, assistenciais e culturais com uma marcada finalidade de serviço”, é possível encontrarmos, hoje, um Centro Opus Dei em oito cidades portuguesas (Braga, Cascais, Coimbra, Lisboa, Montemor-o-Novo, Porto, Vila Nova de Gaia, Viseu).

Além do fundador do Opus Dei, São Josemaria Escrivá, os seus sucessores à frente da prelatura (Beato Álvaro del Portillo [1975-1994]; e D. Javier Echevarría [1995-2016]), visitaram, por diversas vezes, o nosso país. O atual prelado, monsenhor Fernando Ocáriz, esteve em Portugal, em julho de 2017.

Testemunho

Os avós como exemplos de fé

Sou a Diana, tenho 25 anos, sou de Monte Abraão e pode dizer-se que sou uma sortuda. Sinto-me verdadeiramente uma sortuda por ter tido a oportunidade de ter avós incríveis. Não convivi com eles todos os dias, infelizmente, mas posso dizer que foram eles que me ensinaram muito do que sei hoje. Ter a oportunidade de crescer com pessoas com tanta sabedoria e com tantas histórias sobre a vida para nos contarem, deve ser dos maiores privilégios.

Desde sempre que me lembro de frequentar a igreja e de ir à missa, muito por influência da minha irmã, mas umas das maiores memórias que tenho da minha infância era a eucaristia de Domingo quando ia passar férias a casa dos meus avós paternos. No dia anterior, escolhiam a sua melhor roupa, passavam a ferro e penduravam-na na sala, pronta a vestir para a missa no dia seguinte. E eu observava-os neste seu ritual de sábado à noite. Observava-os sem compreender muito bem o porquê, mas aquela eucaristia era sem dúvida um momento importante da semana. Uma importância que só mais tarde compreendi. Foi neles também que observei desde cedo a importância de termos um papal ativo na paróquia.

Com a minha avó materna aprendi a importância da oração. A paz que ela transmitia é indescritível. Todos os dias lia a Bíblia, rezava e nas suas longas caminhadas rezava o terço, mesmo que parassem dez carros para lhe dar boleia, era naquela caminhada que ela se encontrava com Deus. Hoje, sendo impossível tê-la ao meu lado fisicamente, fiquei com o melhor testemunho que me podia dar, a Bíblia. A sua companhia de

todas as noites, é agora a minha. Todos os dias olho para ela, todos os dias me lembro dela e da sua entrega a Deus e é neste “simples objeto” que reencontro muitas vezes a minha Fé.

Os meus avós são um dos pilares e exemplos da minha fé. Encontrei, no entanto, tantos outros “avós” ao longo das experiências missionárias que fui fazendo. Na nossa geração estamos tão habituados a ter dias em que não para-

mos, em que fazemos mil e uma coisas, em que para encontrar respostas temos que, achamos nós, ir ao fim do mundo. Desde os meus 16 anos, idade em que comecei a participar em experiências missionárias, percebi que as respostas que tanto procuramos para preencher um vazio ou as nossas dúvidas na fé, encontram-se numa simples conversa. A única coisa que temos que fazer é ouvir. Ouvir e absorver. Ouvir o testemunho de quem já vivenciou muito e tem muito para nos ensinar. Tão simples como isto. Muitas vezes esqueço-me disto e as dúvidas voltam, mas paro e lembro todos aqueles momentos e aquelas conversas, tal como diz o nosso Papa Francisco “... para mim recordar é viver”. Não existe melhor testemunho que manter vivas as nossas memórias.

Aos mais velhos, aos nossos “avós”, peço, não deixem de partilhar, passem o testemunho, os sonhos, as vivências. Aos mais novos, oiçam... apenas oiçam. Aquilo que não fizer sentido no momento, fará mais tarde e será certamente um ponto de partida para espalhar o testemunho que Jesus nos pede, espalhar o amor.

texto por Diana Almeida



Diana Almeida, ainda bebê, com as avós

SÍMBOLOS DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE CONFIADOS AOS JOVENS DE LUANDA

A Cruz da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e o Ícone de Maria chegaram a Angola. No Domingo, dia 11 de julho, a missa campal de acolhimento teve lugar no Seminário Maior do Sagrado Coração de Jesus, em Luanda. D. Belmiro Cuica Chissengueti, Bispo de Cabinda e presidente da Comissão Episcopal da Juventude, Vocações, Pastoral Universitária e Escutismo, presidiu à celebração, perante várias centenas de jovens de paróquias de Luanda e das dioceses vizinhas de Viana e Caxito. “Fez notar ser esta uma grande oportunidade que se abre aos jovens de Angola para olhar, tocar e contemplar estes elementos que peregrinam por terras angolanas, à imitação da caminhada espiritual de Maria, a primeira cristã que acreditou em tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor Deus”, escreveu Alexandre Cose, da coordenação de Escuteiros Católicos de Angola, num testemunho publicado no site oficial da JMJ Lisboa 2023 (www.lisboa2023.org/pt).

Destacando a estreita ligação de Angola com a Igreja de Portugal, D. Belmiro Chissengueti recordou que foi por meio de Portugal e de missionários portugueses que Angola recebeu a fé cristã. “Mais de 500 anos depois, continuamos unidos nestes mesmos laços de fé, que superam o tempo e a história e que têm tido como consequência, não só a vinda de missionários portugueses ao nosso país e que, aos milhares, espalharam aqui a Boa Nova do Evangelho, mas também como resposta agradecida de quem acreditou e quer comunicar, temos muitos missionários angolanos a ajudar na evangelização de Portugal”, disse.

A peregrinação em Angola dos símbolos da JMJ representa, na opinião do prelado, o convite aos jovens de Angola, pela oração e a presença, a estarem presentes na JMJ Lisboa 2023. “Angola tem sido a delegação africana mais numerosa nas últimas jornadas. Temos aqui uma grande família de frequentadores das Jornadas. Lisboa para nós está a dois passos e mesmo no meio da crise, queremos ser parte ativa da próxima Jornada Mundial”, desejou D. Belmiro.

fotos por SNPJ CEAST



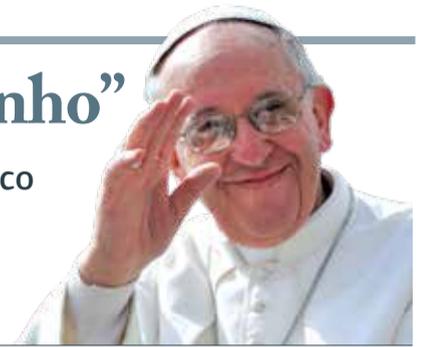


com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Rezemos por todos os doentes. Que nenhum fique sozinho”

O Papa teve alta hospitalar, após dez dias internado para uma cirurgia programada. Antes, Francisco visitou a Unidade de Oncologia Pediátrica do Hospital Gemelli, salientou a importância do serviço nacional de saúde, recebeu mensagens de crianças internadas em dois hospitais e lamentou o “assassinato atroz” que vitimou o presidente do Haiti.



1. O Papa regressou esta quarta-feira, 14 de julho, ao Vaticano, após dez dias de internamento no Hospital Gemelli, de Roma, onde foi operado a um problema no cólon. Francisco deixou a instituição hospitalar ao lado do seu motorista, no carro que habitualmente o transporta nas deslocções em Roma. O diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé confirmou aos jornalistas que o Papa deixou o Hospital Gemelli pelas 10h30 da manhã, mas, ainda antes de regressar à Casa de Santa Marta, onde reside, no Vaticano, foi até à Basílica de Santa Maria Maior agradecer pelo facto da cirurgia ter corrido bem e rezou “por todos os doentes”. Após a alta, Francisco vai recuperar no Vaticano, num mês de julho, que, como é habitual, não tem compromissos públicos.

Recorde-se que a entrada no hospital aconteceu na tarde de 4 de julho, para uma intervenção cirúrgica programada. Francisco, de 84 anos de idade, sofria de uma “estenose diverticular grave”, com sinais de diverticulite esclerosante, um problema no cólon.

2. Muitos carinhos e a resposta em tímidos sorrisos. Assim foi a tarde de terça-feira, 13 de julho, do Papa Francisco, que visitou a Unidade de Oncologia Pediátrica da Policlínica Gemelli, que fica no mesmo piso onde se encontrava internado. O que chamou a atenção do Papa foi a música vinda do corredor próximo ao seu quarto. Um projeto da capital italiana leva concertos a crianças internadas nas sessões de oncologia e a etapa desta terça-feira estava justamente

programada para o Hospital Gemelli, às 16h30. Assim que o concerto terminou, Francisco foi até ao local para saudar os pacientes e os seus pais.

3. O Papa voltou a aparecer este Domingo, 11 de julho, em público, durante o internamento hospitalar, em Roma. Francisco foi sujeito a uma intervenção intestinal programada e aproveitou o momento para fazer uma reflexão sobre a importância da gratuidade da saúde. No mesmo discurso apelou a que a Igreja não olhe ao lucro quando se fala de cuidados de saúde.

Na celebração do Angelus, o Papa dirigiu-se aos fiéis e agradeceu: “Estou contente por poder manter o encontro dominical do Angelus, também a partir da Policlínica Gemelli. Agradeço-vos a todos: senti muito a vossa proximidade e o apoio das vossas orações. Obrigado de todo o coração!”. Nesta aparição pública, Francisco apareceu rodeado de crianças com doença oncológica e sublinhou que, naqueles dias de internamento, experimentou “a importância de um bom serviço de saúde, acessível a todos, como existe em Itália e noutros países”. “Um sistema de saúde que garanta um bom serviço acessível a todos. Não se pode perder este bem este precioso. É preciso mantê-lo! E para isso todos nos devemos empenhar, porque serve a todos e pede a contribuição de todos”, referiu.

O Papa aproveitou ainda para expressar o apreço e incentivo aos médicos e a todos os profissionais de saúde e funcionários do hospital. “E rezemos por

todos os doentes, especialmente pelos que se encontram em condições mais difíceis: que nenhum fique sozinho, que cada um possa receber a unção da escuta, da proximidade e do cuidado. Pedimo-lo por intercessão de Maria, nossa Mãe, Saúde dos enfermos”, rematou. Nesta altura, acrescentou que também na Igreja, em casos de má gestão económico de instituições ligadas à saúde, por vezes, “a primeira ideia que surge é vendê-la”. “Mas a vocação na Igreja não é ter lucro, é prestar serviços, um serviço gratuito. Não se esqueçam disto, salvar as instituições gratuitas de saúde”, reforçou. “E para isso, todos nos devemos empenhar, porque serve a todos e pede a contribuição de todos”, acrescentou.

No final, Francisco dirigiu um apelo para que deponham as armas no Haiti. “Escolham a vida e vivam fraternalmente no interesse de todos e no interesse do Haiti. Estou próximo do povo haitiano. Espero que acabe a espiral de violência, e que a nação possa retomar o caminho para um futuro de paz e de concórdia”, finalizou.

4. Ao sexto dia de hospitalização, a 9 de julho, o Papa recebeu duas mensagens carinhosas de crianças internadas. Dos pequenos pacientes do Policlínico Gemelli, de Roma, chegou uma carta carinhosa e do Hospital Pediátrico Bambino Gesù foi enviado o desenho de uma menina que reza pela sua rápida recuperação. “Soubemos que não estás muito bem e que estás no mesmo hospital que nós”, lê-se numa carta que

as crianças e jovens internados na enfermaria de oncologia do Hospital Gemelli escreveram. E “mesmo que não nos possamos nos ver, mandamos-te um forte abraço e desejamos-te rápidas melhoras”, pode ler-se na missiva dada a conhecer pelo site Vatican News.

Já um tweet do Hospital Pediátrico Bambino Gesù mostra um desenho com uma menina de pé e de mão dada com Francisco, que está deitado na cama do hospital. A pequena Júlia, além do desenho, também lhe enviou uma mensagem: “Querido Papa Francisco sente a minha oração. Eu senti a tua quando eu estava mal”.

5. Quando esteve hospitalizado, o Papa manteve-se atento às notícias e, ao saber da morte do presidente do Haiti, assassinado a tiro em casa, não quis deixar de enviar uma nota de condolências. “Ao saber do assassinato atroz que vitimou o Exmo. Sr. Jovenel Moise, Presidente do Haiti, Sua Santidade apresenta suas condolências ao povo haitiano e à sua esposa, também gravemente ferida, cuja vida confia a Deus”, lê-se, no texto avançado pelo Vaticano. Assinado pelo cardeal Secretário de Estado Pietro Parolin, a nota refere que Francisco “expressa sua tristeza e condena todas as formas de violência como meio para resolver crises e conflitos”, desejando para o povo haitiano “um futuro de concórdia fraterna, de solidariedade e prosperidade”. Em sinal de consolo, o Papa invoca a “abundância das bênçãos divinas sobre o Haiti e todos os seus habitantes”.

10/Igreja no Mundo

Irmã Gloria, em cativeiro no Mali desde 2017, enviou carta à família

“Rezem muito por mim...”

A religiosa franciscana Gloria Narváez Argoty, 57 anos, raptada em Karangasso, no Mali, em 2017, enviou uma carta através da Cruz Vermelha Internacional para Edgar Argoty, seu irmão. A Fundação AIS teve acesso a essa carta. Na verdade, nem chega a ser uma carta mas sim um bilhete, datado de 3 de Fevereiro deste ano. São 11 linhas apenas que dizem muito sobre esta mulher colombiana em cativeiro há mais de quatro anos...



É um bilhete apenas. Escrito em castelhano, pelo próprio punho de Gloria Narváez Argoty, tinta azul de esferográfica, letra maiúscula, 11 linhas no total. Foi enviado através da Cruz Vermelha Internacional. Foi enviado para a família, em Pasto, uma cidade muito pequena onde nasceu a religiosa franciscana. No texto, a Irmã Gloria recorda que está em cativeiro há quatro anos. “As minhas saudações fraternais. Que o bom Deus vos abençoe e vos dê saúde. Estou raptada há quatro anos e agora estou num novo grupo.” Trata-se, tudo o indica, do “Grupo de Apoio ao Islão e aos Muçulmanos”, uma aliança jihadista do Sahel, vinculada à Al-Qaeda. No bilhete, a Irmã Glória pede as orações de todos para conseguir a tão desejada liberdade. “Rezem muito por mim. Que Deus vos abençoe. Espero que Deus me ajude a alcançar a liberdade. Fraternalmente, Glória.”

A morte da mãe

O destinatário do bilhete enviado a 3 de Fevereiro foi o seu irmão, Edgar Argoty, que vive em Pasto. O professor Edgar tem sido incansável ao longo destes quatro anos, procurando por todos os meios a libertação de Gloria. Através dos serviços da Cruz Vermelha Internacional, os dois irmãos já trocaram outras mensagens nos últimos meses. Em entrevista à Fundação AIS, o docente recorda que na primeira missiva contou à irmã que a mãe, Rosita Argoty de Narváez, havia falecido em Setembro, aos 87 anos de idade, não conseguindo “aguentar mais a tristeza e o desespero”. A irmã respondeu meses mais tarde. “Mandou cumprimentos à família, que estava bem de saúde e que, por favor, pedíssemos às autoridades aqui na Colômbia para que pudesse ser libertada e regressar à Colômbia.”

A amizade com outra refém

Sobre o estado de saúde da sua irmã, Edgar, valendo-se das últimas informações que conseguiu obter através da Cruz Vermelha, diz que ela está bem, apesar de ter ficado um pouco abalada psicologicamente quando, em Outubro, foi libertada uma outra refém, a médica francesa Sophie Petronin, com quem partilhava o cativeiro. “Essa separação fez mal à minha irmã, psicologicamente, mentalmente, porque foram quatro anos de amizade. Davam-se muito bem, ficaram boas amigas...” O professor conta que, apesar de estarem confinadas ao acampamento dos jihadistas, as duas mulheres passavam a maior parte do tempo uma com a outra. “Estiveram juntas durante quatro anos, viviam juntas, comiam juntas, dormiam na mesma tenda, onde eram vigiadas, mas tinham a sua liberdade. Até certo ponto podiam sair para con-

tar as estrelas e as pedrinhas, contar os animais que passavam por ali para matar o tempo porque não faziam mais nada. Tinham alimentação, pequeno-almoço, jantar, medicamentos, havia um médico, eram bem tratadas pelo facto de serem mulheres e por causa do hábito religioso da irmã respeitaram-na muito. Elas viviam juntas.”

“Mais magra...”

Quando as separaram em Outubro, a Irmã Glória ficou um pouco afectada. Nessa altura, após a libertação da refém Petronin, a irmã franciscana foi enviada para outro grupo jihadista, como explica na carta a que a Fundação AIS teve acesso. “Trocaram-na para um grupo denominado ‘Apoiamos os Muçulmanos’ e mudaram-na de lugar, para mais longe. Mas, aos poucos, foi-se recuperando mentalmente e agora já está bem”, diz ainda Edgar Narváez. “Está fisicamente acabada, muito magra, a pele, o rosto parece estar queimado pelo sol, pelo clima do Mali, mas, graças a Deus, manteve-se sã. Tem muita força.” Talvez a Irmã Glória não saiba ainda, mas uma missão internacional encabeçada pela Colômbia, e que tinha ido para África com o propósito de a resgatar, recebeu ordem, em Junho, para o regresso antecipado a casa. Não se conhecem as razões por que foi suspensa a missão sem se obter primeiro a libertação da religiosa colombiana. Edgar Narváez diz, à Fundação AIS, que está “um pouco triste e desconcertado” ainda com esta notícia, mas conseguir a sua libertação é o que mais deseja. “Isso é o que todos queremos. Isso era o que queria a minha mãe. Vê-la livre e morrer em paz. Não conseguiu...”

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre



“Está fisicamente acabada, muito magra, a pele, o rosto parece estar queimado pelo sol, pelo clima do Mali, mas, graças a Deus, manteve-se sã. Tem muita força.”

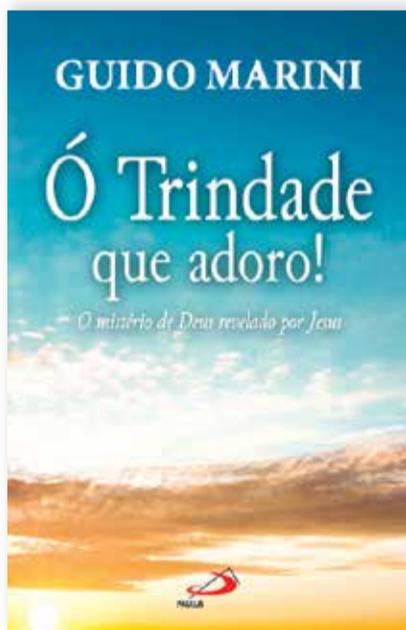
www.fundacao-ais.pt | 217 544 000

SUGESTÃO CULTURAL

Ó Trindade que adoro!

O livro 'Ó Trindade que adoro! - O mistério de Deus revelado por Jesus', da autoria de monsenhor Guido Marini, sacerdote italiano e atual mestre das celebrações litúrgicas pontificias, apresenta meditações sobre "o mistério da comunhão de amor entre as Pessoas divinas". "Mistério que nos toca, nos transforma e nos assume em si. Mistério insondável nas suas profundidades, mas no qual nos é possível fixar o olhar, porque o Senhor Jesus Se fez para nós Caminho e Porta. Estas meditações provêm de um curso de exercícios espirituais, e pretendem ajudar a lembrar a inefabilidade dos «Três» nas vicissitudes concretas da nossa existência humana", refere a sinopse da obra, publicada pela Paulus Editora.

Informações: www.paulus.pt



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO XVI COMUM ANO B

"Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor."

Mc 6, 33



Pastores da terra e não do espaço

pele P. Vítor Gonçalves

É significativa a capa da revista "Visão" que apresenta três dos maiores multimilionários do mundo, Jeff Bezos, Elon Musk e Richard Branson, cada um montado num foguetão a viajar pelo espaço, quais crianças grandes num livro de banda desenhada. A reportagem é directa: o fascínio destes senhores "pelo cosmos parece ter diminuído o seu interesse por melhorar a vida no planeta Terra." Pois "não é apenas a paixão pelo cosmos que os une. Também partilham a aversão ao pagamento de impostos ou à melhoria das condições de vida dos seus trabalhadores", escrevem os jornalistas Rui Antunes e Vânia Maia. Será que ver a terra a partir do espaço os ajudará a descobrir as suas responsabilidades para com as injustiças e desigualdades, que podiam ajudar a mudar ou servirá apenas para imagens em 4k para guardar?

Quando a Bíblia fala de pastores é fácil ficarmos na imaginação dos guardadores de ovelhinhas, doces ruminantes de ervas pelo campo,

muitas vezes julgados como "pobres coitados que não serviam para mais nada." Mas o simbolismo do "pastor" toca todas as dimensões humanas de cuidado e responsabilidade por outros: do rei ao sacerdote, dos pais aos empresários, dos educadores aos treinadores, e das mais variadas relações humanas. Ser amigo não é também ser pastor? E não começamos por ser pastores da vida, do tempo e dos dons de cada um de nós? Como se saboreia este "pastoreio" dos outros na entrevista ao médico e investigador Manuel Sobrinho Simões, num dos programas "Primeira Pessoa", de Fátima Campos Ferreira, disponível na RTP Play! Dizia Saint-Exupéry: "Tornas-te eternamente responsável por aquilo que cativas". Faço o paralelo entre a visão da terra dos "milionários astronautas" e Jesus a ver as multidões. A beleza única do primeiro e a realidade de compaixão do segundo. O olhar emocionante de quem assiste à distância, mas não se compromete a melhorar o mundo, e

o olhar que leva a sentir os dramas pessoais, a escutar os problemas, a dialogar e a ensinar paciente e carinhosamente o que pode levar à mudança. Um que dura 45 minutos, 4 dos quais em gravidade zero; outro que se estende pela vida inteira e ensina cada pessoa a fazer céu à sua volta.

A administração da riqueza, de toda a espécie de riqueza, é um acto de pastoreio. Aí também se distinguem os bons dos maus pastores. Daí a actualidade da nota mais recente da Comissão Nacional Justiça e Paz onde se sustenta que o combate à pobreza deve ser um desígnio "prioritário" na aplicação do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). A sua leitura é um estímulo à responsabilidade de todos. No fundo, o ensino das "muitas coisas" com que Jesus traduz a sua compaixão revela que não é o muito dinheiro que ajuda a mudar o mundo, mas o amor à verdade e à justiça. Ou então, fiquemos na inveja de olhar a terra do céu, como os "milionários astronautas"!

DOMINGO XVII DO TEMPO COMUM – ANO B (25 DE JULHO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Deus vive na sua morada santa	F. Santos	CEC II 83 / CN 362
Ofertório	Deus é Bom Pastor	M. Luís	CAC 391 / CN 354
Comunhão	Formamos um só corpo	C. Silva	CEC II 124 / CN 501
Comunhão	O pão que vem do céu é o pão da unidade	Teodoro S.	¹
Pós Comunhão / Comunhão	Dêmos graças ao Senhor	A. Cartageno	CEC II 127
Pós comunhão	Bendiz, ó minha alma, o Senhor	Artur O.	SRF II 31
Final / Pós Comunhão	Quero bendizer-Vos	A. Cartageno	CN 850



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA

¹ <https://bit.ly/O-Pão-que-vem-do-Céu>



Tweets da Semana

“Agradeço a todos os que estiveram próximos de mim com a oração e o carinho durante os dias de hospitalização. Não nos esqueçamos de rezar pelos doentes e por aqueles que os assistem.”

14 de julho

“Rezemos por todos os doentes para que ninguém fique só. Cada um possa receber a unção da escuta, da proximidade e do cuidado. Todos podemos oferecê-la com uma visita, um telefonema, uma mão estendida.”

11 de julho

“Fiquei tocado pelas tantas mensagens e pelo afeto recebido nestes dias. Agradeço a todos pela proximidade e oração.”

7 de julho



Papa Francisco @Pontifex_pt

“Jesus Cristo, quando nos envia, o que nos manda fazer? Aquilo que Ele fez, ou seja, que cheguemos a qualquer lado e façamos o bem e libertemos as pessoas de tudo o que as oprime, no corpo ou no Espírito.”

11 de julho



D. Manuel Clemente @patriarcalisboa

Editorial

A IGREJA SOMOS TODOS

P. Nuno Rosário Fernandes, diretor
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Esta sexta-feira, 16 de julho, deverá ter sido publicado o decreto de nomeações do Bispo de Lisboa, o Cardeal-Patriarca D. Manuel Clemente, com as novas funções do clero para a diocese. Desde a tomada de posse de D. Manuel Clemente, em 2013, tornou-se quase um ritual a publicação dos novos destinos geográficos, e não só, dos padres e diáconos ao serviço no Patriarcado de Lisboa no dia do seu aniversário natalício e dia de Nossa Senhora do Carmo. Normalmente, são as primeiras nomeações dos novos padres ordenados, e as mudanças de outros, de paróquias e vários serviços diocesanos. Este ‘ritual’ faz perceber que, em primeiro lugar, o padre e o diácono são servos, e por isso colocam-se ao serviço da Igreja, governada pelo seu pastor local, o Bispo diocesano.

No ritual da ordenação, aquele que recebe o Sacramento da Ordem faz solenemente promessa de reverência e obediência ao seu Bispo e aos seus sucessores, no caso do clero

secular, e também aos legítimos superiores, no caso de clero religioso. Isto significa que deve haver uma disponibilidade, não apenas interior, mas efetiva para cumprir o que é pedido pelo Bispo, também no que são os serviços para os quais é chamado. Por vezes, as nomeações podem ser incompreendidas pelo povo quando este se sente muito ligado a um determinado pastor, mas é importante perceber que o padre é ordenado para a Igreja, e a Igreja tem muitos lugares onde o padre pode ser chamado a servir. A missão do padre é levar as pessoas até Jesus Cristo e é esse mesmo Cristo que o padre é chamado a anunciar

com a entrega da sua vida. Não o faz para atrair as pessoas até ele, mas por ele o povo chega até Cristo. Cada um tem a sua personalidade, o seu modo de fazer e de agir, mas em cada um, pelo sacramento recebido, está o mesmo Cristo presente. Por isso, quando há mudanças, o sentimento presente deve ser sempre o mesmo: dar graças a Deus pela missão realizada e disponibilidade para acolher e ajudar na missão que continua, com cada um. Cada vez mais é preciso que os leigos sintam a sua responsabilidade na missão da Igreja, fazendo caminho sinodal, isto é, em conjunto, porque a Igreja somos todos.

“A missão do padre é levar as pessoas até Jesus Cristo e é esse mesmo Cristo que o padre é chamado a anunciar com a entrega da sua vida. Não o faz para atrair as pessoas até ele, mas por ele o povo chega até Cristo.”

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Pato; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)